

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA**

**SULAMITA BATISTA DA SILVA**

**PARA ALÉM DE UMA CONCEPÇÃO BIOMÉDICA: O CORPO E O TRABALHO  
DAS PROFISSIONAIS DO SEXO**

**SANTOS  
2020**

**SULAMITA BATISTA DA SILVA**

**PARA ALÉM DE UMA CONCEPÇÃO BIOMÉDICA: O CORPO E O TRABALHO  
DAS PROFISSIONAIS DO SEXO**

Trabalho apresentado à banca examinadora da  
Universidade Federal de São Paulo como requisito  
para obtenção do título de bacharel em Terapia  
Ocupacional.

Orientadora: Profª Dra. Maria de Fátima Queiroz

Co-orientadora: Profª Dra. Luciana Togni Surjus

SANTOS

2020

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586p Silva, Sulamita.  
Para além de uma concepção biomédica: o corpo e o  
trabalho das profissionais do sexo. / Sulamita  
Silva; Orientadora Maria de Fátima Queiroz;  
Coorientadora Luciana Surjus. -- Santos, 2020.  
48 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Terapia Ocupacional) -- Instituto  
Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São  
Paulo, 2020.

1. Corpo. 2. Trabalho. 3. Capitalismo. 4. Terapia  
Ocupacional. I. Queiroz, Maria de Fátima, Orient.  
II. Surjus, Luciana, Coorient. III. Título.

CDD 615.8515

Bibliotecária Daianny Seoni de Oliveira - CRB 8/7469

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que pude conhecer pelos territórios da cidade durante os meus quatro anos de graduação, nos momentos em que estive em campo por meio de diferentes disciplinas, projetos de extensão, estágios, enfim, por todos os espaços e serviços em que pude estar e que a universidade me proporcionou.

Às pessoas que me contaram sobre seus afetos e suas histórias de vida estando comigo em poucos momentos. Às pessoas que me receberam em suas casas sem ao menos me conhecer. Às pessoas que me ensinaram coisas das quais não poderia aprender estando somente em sala de aula.

Sei que muitas dessas não chegarão a ler isso por motivos diversos, mas deixo escrito por meio dessa dedicatória o meu sentimento de agradecimento a vocês, sentimento que expressarei não somente aqui, mas por todos os lugares em que percorrer. Meu mais sincero, *muito obrigada*.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe por ter me incentivado a ingressar em uma universidade pública e por ter me apresentado a Terapia Ocupacional e ao meu pai que me deu todo suporte preciso para isso. Agradeço também a todas as pessoas que cruzaram o meu caminho nestes últimos quatro anos e deixaram em mim sentimentos bons, que me ensinaram e apresentaram caminhos outros, olhares até então nunca vistos, diferentes perspectivas sobre o mundo e jeitos novos de se estar nele.

Às pessoas com quem compartilhei a experiência dos muitos descobrimentos em estar em uma cidade nova, uma casa nova, uma faculdade nova. Às pessoas que me fizeram perceber os enrijecimentos que habitavam em mim. Às pessoas que me incentivaram a permanecer junto da arte e seguir com ela. Às pessoas que trocaram comigo sobre o corpo. Às pessoas que experimentaram o corpo comigo, brincando, dançando, correndo, deitando pelos mais diversos chãos, andando de bicicleta de Santos até o Guarujá num domingo de sol e que me proporcionaram infinitas risadas. Às pessoas que me fazem acreditar nos dias de hoje que é possível construir outros espaços para estar no mundo.

*A burguesia tratará de arruinar o mundo na última fase da sua história. Porém, nós não tememos as ruínas, porque levamos um mundo novo em nossos corações.*

- Buenaventura Durruti.

## SUMÁRIO

1. CAMINHOS INICIAIS.....	p.8
1.1. Compreensões acerca do trabalho.....	p.10
1.2. O corpo para além de uma concepção biomédica.....	p.14
1.3. As profissionais do sexo.....	p.16
2. CENÁRIO DA PESQUISA: O SISTEMA CAPITALISTA E O CORPO...	p.19
2.1. Objetivos.....	p.22
2.2. Métodos.....	p.22
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	p.26
3.1. Considerações sobre corpo-trabalho.....	p. 35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.41
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.43

## **RESUMO**

O presente estudo parte de uma concepção ampliada de saúde a respeito do corpo, sendo este a forma de inserção do sujeito no mundo, constituído através da sua subjetividade e os papéis sociais que desempenha, como o trabalho. Acredita-se que o trabalho em determinadas culturas do mundo, é tido como o papel social e a ocupação mais significativa para o homem e para sociedade capitalista. Assim, esse projeto pretende compreender por meio da literatura a relação corpo e trabalho de uma categoria que não é considerada socialmente como tal, o trabalho das profissionais do sexo e como seus corpos são afetados por esta relação, que envolve uma invalidação social e moral, condições de vulnerabilidades, violências e outros, além da utilização do corpo como “ferramenta” principal para o trabalho. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que se utilizou do método de revisão crítica.

Palavras chaves: Corpo, trabalho, capitalismo, Terapia Ocupacional.



## **1. CAMINHOS INICIAIS**

O tema desta pesquisa parte do desejo em colocar o corpo nas discussões que envolvem o trabalho e suas relações, mas antes de se chegar no tema proposto, caminhos foram percorridos dentro e fora de sala de aula, caminhos considerados como importantes para a minha formação enquanto pessoa no mundo, experiências que me mobilizaram e fizeram com que eu compreende-se que tudo passa e acontece no corpo.

Foi por meio das disciplinas específicas do curso de Terapia Ocupacional, como Arte e Corpo, Ação e Sentimento e da disciplina comum, Corpos, Subjetividade e Estigma do Eixo o Ser Humano e Sua Inserção Social que pude me aproximar da temática a respeito da subjetividade dos corpos. Além desses aprendizados, existiram espaços dentro da universidade voltados para experimentações de práticas corporais onde o corpo era central, como o Projeto de Extensão Artes do Corpo, que me possibilitou sentir através do meu próprio corpo que essa seria a coisa mais importante que podemos ter, pois é nele onde tudo cria-se e realiza-se.

Não existe um Eu sem um corpo. Mas, acredita-se que esse corpo e toda a sua potência estão sujeitos a um sistema, que é capaz de afetar o fazer humano, bem como a própria relação que o indivíduo estabelece com suas ocupações. A existência dos seres humanos para a Terapia Ocupacional é composta por um cotidiano e as ações que esses serem realizam se dão por meio de um fazer.

O fazer humano pode ser expresso por meio de uma atividade, essa que está inserida dentro de uma ocupação, como por exemplo, o trabalho, a educação, o lazer e outras. As ocupações podem ser extremamente significativas para os sujeitos, assim, o cotidiano pode ser constituído por aquilo que é próprio do sujeito, a sua subjetividade em relação com um contexto em que vive, sendo atravessado por suas relações e papéis sociais que desempenha. Entretanto, é importante considerar que a maneira como a sociedade capitalista se organiza é capaz de afetar, modelar e construir tais cotidianos, uma vez que tem em sua estrutura relações de poder que provocam uma série de desigualdades sociais.

Assim, a linha de pensamento que concebeu esse estudo ao pensar no trabalho, considerou que esse seria a ocupação de maior valor para a sociedade, valor esse, que se atribuiria ao ser humano. Perguntam desde cedo às crianças o que elas querem ser quando crescer, qual profissão que querem seguir, o que vão se tornar, pois é preciso “ser alguém”, ter uma profissão e então, trabalhar para viver, isso, dentro de uma sociedade que se organiza em função do capital.

Quanto ao corpo, pensou-se primeiramente em sua importância, visto que não há existência e realização de atividade alguma senão através dele, mas para além do corpo físico, o corpo subjetivo, esse que se refere a forma de estar no mundo do sujeito, uma forma que é construída por uma história de vida, experiências e relações, tendo essa compreensão a partir de alguns estudos, como Almeida (2014), Damásio (2004), Saito e Castro (2011) e Thérèse Bertherat (1977).

É a partir dessas ideias, que surge o interesse em estudar a relação entre esses dois pontos, o corpo e o trabalho, na busca pelo que atravessaria cada um desses agentes e de que maneira um afetaria o outro, se estão tão conectados e além disso, quais são as compreensões a respeito dessa relação e o que entende-se por corpo. Bondia (2012) nos esclarece que

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (p. 27)

## 1.1 Compreensões acerca do trabalho

Antes de compreender o que seria o trabalho, buscou-se pela sua inserção na história da humanidade, a fim de se ter uma visão geral sobre as suas transformações até que se chegue ao entendimento e as definições que serão colocadas mais adiante, observando não só isso, mas também como o corpo e as relações de poder que aparecem ao longo desse curso.

As concepções de trabalho resultam de um processo de criação histórica, no qual o desenvolvimento e a propagação de cada uma são concomitantes à evolução dos modos e relações de produção, da organização da sociedade como um todo e das formas de conhecimento humano. Assim, a criação de cada concepção do trabalho associa-se a interesses econômicos, ideológicos e políticos (BORGES, 1999 apud NEVES, et al., 2018, p.319).

Segundo Sachuk e Araújo (2007 *apud* Neves et al., 2018, p.320), “pode-se considerar que o sentido do trabalho é oriundo de uma historicidade, isto é, está em consonância com a época, com a cultura, com o modo de relacionar-se e compreender o mundo de cada sujeito e do grupo do qual fez e faz parte”.

Para o pensamento grego-ateniense o trabalho era de caráter físico, sendo realizado pelos escravos, enquanto que participação do homem na cidade se dava por meio da palavra, lhe dando assim, dignidade. Borges e Yamamoto (2014, p.28) discorrem que “a concepção do trabalho partia de um conceito mais restrito, reduzindo-o às atividades braçais e/ou manuais executadas pelos escravos. A política, atividade superior e dos cidadãos, não era considerada trabalho.”

O trabalho só passou a ser considerado símbolo de dignidade humana a partir do século XVI com o protestantismo e no século XVIII, passou a ser visto como fonte de realização, não somente como um meio de sobrevivência. (CARMO, 1992 *apud* SILVA, 2011, p.2). De acordo com Ranzan e Quadrado (2015)

Para o homem dos tempos modernos, o tempo livre inexistia ou é escasso. “Tempo é dinheiro”. A lógica do trabalho perpassou a cultura, o esporte e, até mesmo, a intimidade. Todas as atividades humanas passaram a ser foco de negócios ou tornaram-se oportunidades para alguém ganhar dinheiro, lógica que se apoderou de todas as esferas da vida e da existência humana. Para grande maioria das pessoas, o trabalho transformou-se em emprego na sociedade moderna. (p.876)

O trabalho na sociedade capitalista, torna-se assalariado e alienante, de maneira em que se transforma em uma mercadoria que objetiva a criação de outras novas mercadorias, em função da valorização do capital e deixa de ter então, uma finalidade básica do ser social, na qual consistia na busca de sua realização produtiva e reprodutiva. (ANTUNES, 2005, p. 69). As relações capitalistas de exploração, produzem alienação, separam o homem da sua força de trabalho e o obriga a se submeter a atividades indignas a qualquer preço. (MARX, 1984, *apud* ALMEIDA, CARMO e SILVA, 2013)

De acordo as ideias de Harvey (1994) e Castel (1998) ambos citados por Andrade (2007, p.2), nas últimas décadas o mundo do trabalho sofreu mudanças como:

Reestruturação das atividades produtivas, alterações nas formas tecnológica e organizacional de produzir, o aumento da subcontratação, desregulamentação e ou regulamentação de direitos no trabalho, terceirização, novas tecnologias – como a automação e a robótica –, flexibilização, exigência de qualificação, transformações no modo de gestão [...] Se a acumulação flexível trouxe a flexibilidade dos processos de trabalho, de mercado, dos produtos e dos modos de consumo, que caracterizam os modernos setores de produção e novos modos de gestão, ela manteve as fortes pressões dos empregadores no controle sobre o trabalho. De um lado, a degradação da condição salarial e o aumento do desemprego contribuíram de forma significativa para os processos de precarização social a partir da década de 1970, por outro, a reestruturação das atividades produtivas não só intensificou este processo, mas também exigiu maior qualificação dos trabalhadores em setores industriais e fabris. A qualificação é entendida aqui na dimensão individual, como saber fazer necessário para ocupar um posto de trabalho.

Nesse contexto, Faria (2017, p.23) expõe que o resultado do trabalho assalariado, de acordo com as ideias de Antunes (2005), trata-se de um grande índice de desemprego que leva os trabalhadores a buscarem por trabalhos precários, temporários e parciais que garantam a sua sobrevivência e dignidade como ser social, gerando assim, males a sua condição de vida e afetando de forma direta à saúde desse trabalhador.

O trabalho é capaz de ser tipificado como formal, quando há uma relação contratual que confere os direitos trabalhistas, tais como salário fixo, carteira assinada e demais benefícios ou informal. Segundo Silva e Barbosa (2004 *apud*

Costa et al., 2009, p.1) entende-se por trabalho informal: “todas as atividades que se inscrevem no campo da inexistência de relações contratuais amparadas por leis trabalhistas e fiscais”.

Essa configuração de trabalho não contratual é muitas vezes, oriunda dos índices de desemprego e os trabalhadores informais em sua grande maioria, sofrem com preconceito, violência e ausência de direitos, como expõe Almeida, Carmo e Silva (2013, p. 413): “são alvos de preconceitos, de violência, e claro, de uma subserviência a um sistema que, somente, explora e restringe os seus direitos deixando-os em condições ainda mais vulneráveis.”.

São muitos os elementos que atravessam o trabalho e pode-se dizer que as relações de poder fizeram-se presentes desde a Antiguidade, atuando sobre o indivíduo e seu trabalho, fazendo com que o corpo fosse desde então, submetido a diferentes condições e que além disso, essa ocupação ao decorrer da história, se tornou um meio pelo qual o sujeito buscou se inserir na esfera das relações sociais, manifestar a sua subjetividade no mundo e construir a sua identidade.

Sobre a temática, Schwartz (2003, p. 23 *apud* JUNIOR, 2015, p.279), expõe a seguinte reflexão:

[...] toda vida humana [...] é atravessada de história. Mas, quando se trata do trabalho, se isto é verdade também, não se trata de uma “pequena história”, de uma história marcada pelo acaso das vidas individuais: nenhuma situação humana, sem dúvida, concentra, “carrega” com ela tantos sedimentos, condensações, marcas de debates da história humana das sociedades humanas elas mesmas quanto às situações de trabalho: os conhecimentos acionados, os sistemas produtivos, as formas de organização, os procedimentos escolhidos, os valores de uso selecionados e, por detrás, as relações sociais que se entrelaçam e opõem os homens entre si, tudo isto cristaliza produtos da história anterior e dos povos.

De acordo com Silva, K., Silva, I., e Mafrá (2013, p. 2), o trabalho trata do meio pelo qual o homem busca suprir suas necessidades, alcançar seus objetivos e se realizar, além de possibilitar inserção nos espaços da sociedade, agindo assim, como um elemento constitutivo do indivíduo, que lhe designa caráter, identificação e individualização no contexto em que se insere. Tais autoras contam também as considerações de Antunes (2003) sobre o tema, pois para ele, o trabalho é uma

experiência elementar da vida em resposta às necessidades sociais, sendo a principal forma de sobrevivência e manutenção da vida do indivíduo e da sociedade.

Para Dejours (2004, p.31), o trabalho é uma relação social que se estabelece “em um mundo humano caracterizado por relações de desigualdade, de poder e de dominação. Trabalhar é engajar sua subjetividade num mundo hierarquizado, ordenado e coercitivo, perpassado pela luta para a dominação.”.

De acordo com Marx (1985, p.142 apud ARRUDA, 2011, p. 64) o trabalho é um processo entre o Homem e a Natureza:

O trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para a própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica o mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita ao jogo de suas forças o seu próprio domínio (MARX, 1985 p.142)

Costa et al. (2009) ao realizar a sua pesquisa sobre o “*trabalho das profissionais do sexo*”, também parte dessa perspectiva e expõe antes de tudo, a sua compreensão sobre o trabalho, o caracterizando como uma ação humana sobre a natureza, onde a sua morfologia é alterada e a identidade do sujeito é concebida.

Além dessas e outras concepções, o trabalho também pode ser caracterizado como fonte de sofrimento, em decorrência de todos agentes envolvidos em sua constituição e aquilo que o representa socialmente, fora o sentido e significado que carrega para o trabalhador.

O confronto entre o mundo externo e interno do trabalhador, de modo que, o mundo objetivo, com suas lógicas, seus desafios, suas regras e seus valores, entrem em conflito com a singularidade de cada trabalhador. [...] O trabalho é gerador de sofrimento, na medida em que confronta as pessoas com desafios externos. (Lacman, 2003, p. 84)

Almeida (2014, p.7) questiona: “qual a relação entre o que pensamos, amamos, sentimos (isto é, a subjetividade) e o nosso corpo? Em que medida o fazer pode transformar o corpo e a subjetividade?”. Essa é uma importante indagação

para pensar na relação corpo e trabalho, uma vez que entende-se o trabalho como um fazer humano.

## **1.2 O corpo para além de uma concepção biomédica**

Partindo do curso da história e das concepções apresentadas a respeito do trabalho, pode-se considerar que tal ocupação afeta o corpo do sujeito, podendo lhe causar sentimentos diversos a partir das experiências vivenciadas. Como dito por Saito e Castro (2011, p.179), “é no corpo e através dele que percebemos o mundo e nele operamos”.

Facilmente percebemos que os operários de construção civil possuem corpo com tónus enrijecido, corpo pouco delgado e alargado, há neste corpo uma predominância pelas qualidades forte-rápido-direto-contido, as outras combinações que lhe são falhas e de difícil realização. Desta forma, a vida ocupacional produz um corpo, é um fator delimitador dos sujeitos e revela a história de cada um. Nesta perspectiva, os esforços não só constituem padrões corporais individuais como também corpos sociais. [...] Os fazeres se afinam a determinados esforços e estes, por suas vez, constituem corpos e sociedades com suas hierarquias. (Almeida, 2014, p.68)

Os estudos biológicos, como a genética, concebem o corpo fora do tempo, fora da experiência, acreditando que em uma estrutura primordial (o gen) que caracteriza o ser humano de maneira absoluta e assim, justificam seu pensamento pela oposição entre o normal e o patológico, o produtivo e o improdutivo, o defeituoso e o correto (Almeida, 2014).

O corpo que será tratado no presente estudo, não se refere somente ao corpo anatômico, mas do corpo que carrega em si a subjetividade do indivíduo e possibilita ao sujeito experienciar o mundo. Segundo Dejours (2004, p.29), “não é o mesmo corpo dos biólogos: é um segundo corpo, o corpo que a gente habita, o corpo que se experimenta afetivamente, o corpo que também está engajado na relação com o outro”.

Assim, entende-se por corpo, tudo aquilo que compõe a existência do indivíduo de maneira única, sua história de vida, suas relações com as pessoas e lugares, suas memórias, sonhos, desejos e afetos. De acordo com Almeida (2014,

p.111) “o afeto é o que mobiliza e faz o corpo se expressar de múltiplas possibilidades. [...] como o conjunto de forças históricas, econômicas, culturais e políticas que atravessam os corpos”.

Liberman (2010, p. 456) faz considerações a respeito do corpo e do mundo, para a autora, o corpo é “um atravessamento de histórias, intensidades, afetos, formas que se desmancham e se configuram permanentemente, sempre no devir, sempre em peregrinação” e o mundo: “palco de acontecimentos no próprio corpo, a partir das relações que se engendram no contexto espaço/tempo, permeado pelas afetações e modos de relação produzidos nos encontros. Vislumbra-se ainda o corpo como um ambiente dentro de um ambiente”.

O Caderno de Atenção Básica, n.34 do Ministério da Saúde (2013), apresenta uma importante reflexão a respeito do corpo:

Toda pessoa tem um corpo com uma organicidade e anatomia singular composto por processos físicos, fisiológicos, bioquímicos e genéticos que o caracterizam. Mas, além disso, toda pessoa tem um corpo vivido, que é muito diferente do corpo estudado na Anatomia, na Biologia e na Bioquímica. Cada um tem uma relação com o próprio corpo que envolve história pessoal, pontos de exteriorização de emoções, formas de ocupar o espaço e de se relacionar com o mundo. O corpo é ao mesmo tempo dentro e fora de mim, podendo ser fonte de segurança e orgulho, ou de ameaça e medo. (Ministério da Saúde, 2013, p.30)

O corpo carrega significados sociais e Barbosa, Matos e Costa (2011) discorrem sobre o corpo enquanto signo: “que reproduz uma estrutura social de forma a dar-lhe um sentido particular, que, certamente, irá variar de acordo com os mais diferentes sistemas sociais”. Esse corpo signo, também carrega em si os marcadores sociais da diferença, como gênero, etnia e classe social. Neste caminho, Zamboni (2014) aponta que

Em termos de raça, por exemplo, os indivíduos podem ser classificados como negros ou brancos, morenos ou mulatos, asiáticos ou indígenas. Cada uma dessas categorias de classificação está associada a uma determinada posição social, possui uma história e atribui certas características em comum aos indivíduos nela agrupados. O mesmo vale para gênero (homens e mulheres, machões e princesas, travestis e transexuais), sexualidade (hétero e homossexuais, gays e lésbicas, bissexuais e sadomasoquistas), classe (ricos e pobres, classe média e proletariado, profissionais liberais e moradores de rua) e geração (jovens e idosos, adultos e adolescentes, coroas e crianças), entre outros. (p.14)



Zamboni (2014), fez três grandes considerações à respeito dos marcadores sociais da diferença que serão levadas em consideração no presente estudo, sendo a primeira a compreensão à respeito das diferenças e desigualdades entre os homens, entendendo que elas não são naturais, são construídas socialmente dentro de um contexto de tempo e espaço, a segunda delas, trata que tais diferenças estão sempre vinculadas à experiência dos indivíduos, no discurso e na política, nunca aparecem de forma isolada e a terceira considera, que essas diferenças estão intimamente ligados às relações de poder.

Para pensar no corpo é necessário que antes de tudo, pense-se em tais marcadores, pois só assim será possível estar junto das pessoas, ao passo que tal compreensão expresse o entendimento sobre a maneira como esses corpos podem ser afetados e tratados de diferentes formas quando em relação com o trabalho e o contexto em que se está inserido. Uma concepção ampla a respeito do corpo possibilitará um novo olhar para as ações no cuidado em saúde.

### **1.3 As profissionais do sexo**

A profissão escolhida para discutir a relação corpo e trabalho, trata-se das profissionais do sexo. No início, quando refletiu-se sobre a relação trabalho e corpo, pensou-se nessa ocupação ao imaginar que o produto e a ferramenta dessa atividade é somente o corpo, onde vive-se e ao mesmo tempo trabalha. De acordo com Silva, K., Silva, I., e Mafra (2013, p. 6), “não há como falar de prostituição sem tocar na questão do corpo. Ao dizer corpo, pretende-se aqui se referir a isso que possuímos e que nos proporciona infinitas possibilidades. [...] A prostituta tem no corpo o seu trabalho”.

As considerações que serão feitas aqui compreendem que essa ação é um produto do capital em decorrência das desigualdades sociais presentes no sistema capitalista e não buscaram defender isso. Para Souza (1998 *apud* Guimarães, (2007, p. 33), “a prostituição seria a transformação de um corpo em mercadoria obedecendo lógicas do capital, assim como interesses políticos, em que o corpo prostituído seria um espelho da sociedade”.

Para além da discussão sobre a legitimação dessa troca social ou fim da mesma e entendendo a importância dos debates que envolvem as questões de gênero e a luta pelo direito das mulheres, a grande questão que mobiliza esse estudo é: como o corpo é afetado estando inserido em uma relação de trabalho não reconhecida socialmente e categorizada como desqualificada, capaz de envolver situações de violência e vulnerabilidades?

Segundo Silva, K., Silva, I., e Mafra (2013, p.2): “a prostituição se caracteriza pela oferta de serviço sexual. A definição deste tipo de trabalho, por seu aspecto comercial, refere-se ao ato de comercializar serviços de natureza sexual como prazer, fantasias, sexo, carícias, dentre outros” e também pode ser entendida, como explica Costa et al. (2009, p.1): “uma prática laboral caracterizada por significados sociais, históricos e culturais construídos sobre influências da época e do local que é praticado.”

Para a sociedade, a atividade que ela exerce é ilícita e moralmente reprovável, expondo-a a violência ainda maior. O tipo de ambiente onde ela atua também a deixa mais vulnerável, pois, na rua, está sujeita às agressões arbitrárias da polícia, dos agenciadores, dos clientes, principalmente em relação ao acerto do “programa” e uso da camisinha. Essas agressões ainda não são registradas nos serviços de saúde. Nessa atividade, as mulheres oferecem satisfação sexual em troca de remuneração e vão, aos poucos, perdendo seu ‘corpo’ e seu ‘destino’, relação que se estabelece entre a prostituta e o cliente é comercial. Caracteriza-se pela venda do corpo e/ou prazer por dinheiro, em que a mulher passa a ser vista como mercadoria pelos serviços prestados. [...] Nessa negociação, constrói-se uma imagem depreciativa da prostituta, na qual ela perde o referencial de mulher, mãe, filha, cidadã, favorecendo, assim, práticas discriminatórias no seu cotidiano, expressas por violência simbólica, agressões físicas e até assassinato. (MOREIRA; MONTEIRO, 2012, p.4)

Aspectos como violência e agressões físicas estão presente em seus cotidianos, sejam eles, por parte dos clientes, da polícia, familiares e amigos que desconhecem a sua atuação como profissional do sexo e além dos conflitos morais com a prática comercial de natureza sexual. (Maia, Chacham e Lopes, 2002 *apud* Costa et al., 2009, p.4)

Tal atividade se faz presente na história da humanidade desde os tempos mais antigos, de acordo com Schreiner et al. (2004) há relatos da existência dessa profissão desde a Grécia Antiga. Vasconcelos e Santos (2011, p.35) afirmam: “a

existência da prostituição é fato constante e frequente na história da humanidade. Também é popularmente chamada de ‘profissão mais antiga do mundo’.

Silva, K., Silva, I., e Mafrá (2013, p.2) expõe uma importante indagação para se pensar concepções teóricas a respeito do trabalho:

E quanto ao trabalho de mulheres prostitutas, que historicamente foram marginalizadas da sociedade e na contemporaneidade ainda o são? Como essa categoria de trabalho (mulheres exercendo a prostituição) pode ser enquadrada nas concepções teóricas que tratam o trabalho como elemento de auto realização, integração social e desenvolvimento humano? Essa não seria uma categoria de trabalho marcada pelo labor, pela tortura e pelo sofrimento?

Ao escolher essa categoria pouco se sabia sobre ela, bem como o desconhecimento até o presente momento sobre qual a melhor maneira para ser referenciada em relação a sua nomenclatura, quando buscou-se pela mesma, descobriu-se que essa estava inserida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), responsável pelo reconhecimento da existência de uma determinada ocupação no mercado de trabalho brasileiro, nomeando a profissão referente ao item 5198-05, da seguinte maneira: “Profissional do sexo: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo.” e descrevendo as ações desse trabalho de tal forma: “buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade.”

Apesar de estar inserida na CBO desde ano de 2000, a prostituição é uma atividade de caráter informal que permanece na clandestinidade e Pasini (2005 *apud* Silva et al., 2013, p.226) explica este aspecto, “o ato de prostituir-se não é crime, entretanto, todo o mercado no entorno da prostituta é considerado uma contravenção, ou seja, proprietários de locais onde ocorre a prostituição, cafetões e cafetinas”.

Moura et al. (2010, p. 545) diz que as pessoas que exercem esse trabalho estão mais suscetíveis a contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), por: “atenderem diariamente diversos clientes, com históricos sexuais desconhecidos, integrando um grupo que necessita de uma educação sexual elucidativa com o objetivo de abordar a prevenção para uma prática sexual segura”.

A partir disso, acredita-se que o cuidado em saúde com essa população se restrinja a prevenção de doenças sexuais. Além do que, também há outros fatores importantes a serem mencionados que podem corroborar para essa exposição, como a resistência por parte de alguns clientes quanto ao uso do preservativo e as situações de violência que vivenciam.

Para que entenda-se o corpo para além de uma concepção biomédica, é necessário que antes de tudo, escute-se e observe-se o que constitui o corpo do sujeito, o que aparece em suas narrativas ao falar sobre seu trabalho e sobre a sua história de vida. Com essa concepção pode-se então, realizar práticas em saúde que possibilitem uma reflexão conjunta e compartilhada com as pessoas, sobre os agentes que se fazem presentes em seus modos de vida, e a partir disso, pensar em novos caminhos em direção aquilo que ainda não lhes foi apresentado no decorrer de suas histórias, garantir o acesso aos direitos que lhes foram negados.

## **2. CENÁRIO DA PESQUISA: O SISTEMA CAPITALISTA E O CORPO**

Inicialmente, esse estudo se propunha a realizar uma pesquisa de caráter qualitativo com entrevistas semiestruturadas, entrevistando de 2 a 5 profissionais do sexo para compreender a relação corpo e trabalho, partindo do método Bola de Neve em decorrência do difícil acesso à população referida, esse que tem como finalidade alcançar populações estigmatizadas e reclusas, difíceis de serem acessadas ou estudadas (Vinnuto, 2014).

Contudo, tal proposta sofreu atravessamentos diversos, desde implicações referidas pelo método, mas principalmente por conta da pandemia global do coronavírus, vírus cuja o quadro clínico da doença varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves, conhecido também como COVID-19. No Brasil, primeiro caso foi notificado no dia 21 de fevereiro de 2020, sendo detectado pela primeira vez em dezembro de 2019 na China (Barroso et al., 2020). Em março de 2020, o Brasil entrou em estado de alerta, adotando o isolamento social como medida de proteção para evitar a velocidade da disseminação do vírus, o que impossibilitou dessa maneira a realização e o desenvolvimento das entrevistas.

A alternativa escolhida para dar continuidade ao estudo, trata-se de revisão crítica de literatura sobre o tema, mas antes de discorrer sobre essa nova metodologia, faz-se necessário pontuar nesta seção o cenário político que está sendo vivenciado dentro do país no governo atual, esse onde fica expresso a exploração pelo trabalho e a ganância na busca dos lucros para o capital neoliberal, no momento em que se mostra contrário às orientações dos profissionais da saúde e os estudos feitos no âmbito da ciência. Bardi et al., (2020, p. 499) afirmam:

O atual Presidente da República Jair Bolsonaro, com sua atitude negacionista, além de menosprezar o potencial de contágio e a taxa de mortalidade da CoVid-19, se pronunciou, por diversas vezes, contrário às recomendações da OMS e do próprio MS, especialmente em relação ao distanciamento social, que está associado à diminuição das atividades econômicas, evidenciando a postura do seu governo - e de parte do empresariado brasileiro - de desprezo pela vida em detrimento do lucro. Revela-se, assim, uma discussão, aberta e sem constrangimentos, sobre quais e quantas vidas são “aceitáveis” sacrificar para manter a economia funcionando.

Fica evidente a divisão social do trabalho nesse cenário, pois o distanciamento social não tem se apresentado como uma possibilidade para a classe trabalhadora, essa que mostra não ter como opção permanecer e/ou trabalhar em casa, como por exemplo, os trabalhadores informais que continuam a exercer suas atividades e os trabalhadores cuja atividade de trabalho é considerada essencial para a população, de modo que, classe, gênero e raça, caracterizem a pandemia (Bardi et al., 2020).

O trabalho central para o capitalismo nesse cenário, expõe não só os diferentes lugares que as classes trabalhadoras e a burguesia ocupam em uma sociedade capitalista, mas também o modo como o corpo do trabalhador é colocado em segundo plano, pois a “*economia não pode parar*”<sup>1</sup>. Desse modo, fica expresso que diante dos agravos de uma crise econômica e sanitária, há um modelo de gestão frente às questões sociais, a necropolítica, a política do capitalismo em crise estrutural dentro de um contexto de precarização e desinvestimento nas políticas sociais, tudo isso, presente nos discursos do presidente Jair Bolsonaro (Bardi et al.,

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/economia-nao-pode-parar-diz-bolsonaro-ao-setor-produtivo-brasileiro>> Acesso em: 21 jul, 2020.

2020). Assim, não é possível abordar a relação corpo e trabalho sem olhar para o capitalismo, pois o mesmo aprisiona o corpo dos sujeitos, modifica sua visão e experiência no mundo.

Dentro do pensamento marxista, o mundo construído seria uma projeção do corpo humano, de modo que o sistema de produção econômico fosse uma metáfora materializada por esse corpo. Contudo, a construção desse mundo, transforma-o em mercadoria e tal sistema expropria sua humanidade sensível, resultando na alienação de seu corpo, onde o trabalhador transfigura-se uma mercadoria que vive apenas para suprir suas necessidades básicas e não morrer, tendo em sua vida sensível uma ruptura provocada pela produção capitalista (Justo, 2010). Nesse contexto, Neves et al. (2018) indicam que

o capitalismo modifica a visão de liberdade do homem à medida que precisa vender sua força de trabalho para sua sobrevivência, dissociando o trabalho do homem que o realiza. O trabalhador subordinado ao capital não tem mais controle do produto nem do processo de seu trabalho, pois estes estão centralizados nas mãos do capitalista. (p.320)

Regina Favre (2004, p.2) ao falar dos efeitos do capitalismo sobre o corpo diz que o mesmo pode: “adoecer, perder potência formativa, sofrer, se desorganizar, doer muito, não aguentar, se arrebentar como efeito do modo como o capitalismo hoje opera na subjetividade para sustentar-se a si mesmo”.

A sociedade capitalista age da forma mais cruel sobre o corpo, pois seria esse o lugar de novas produções de possibilidades por ter em si uma enorme força criativa e de mudanças, muito além de aprisionar, disciplinar e o reprimir, o capitalismo produz um corpo nos conformes de seus desejos capitalistas, produtivo, viril, jovem, ágil, belo, artificial, capturando o que há de mais potente e criativo no ser humano: seu próprio corpo. (Almeida, 2014).

Justo (2010, p.13) discorre sobre o corpo trabalhador dentro desse sistema e afirma: “a sociedade burguesa nos impede de ouvir como poderíamos ouvir, sentir como poderíamos sentir, desejar como poderíamos desejar, amar como poderíamos amar, enfim, viver como poderíamos viver.”

## **2.1 Objetivos**

### **2.1.1 Geral**

- Compreender como trabalho afeta o corpo do sujeito a partir da sua própria perspectiva e experiência de trabalho, por meio da literatura, considerando os estudos que já tenham sido realizados com essa população.

### **2.1.2 Específicos**

- Identificar dentro da literatura como a relação corpo e trabalho surge com essa população;
- Analisar se o corpo presente nas discussões dialoga com as concepções apresentadas no presente estudo.

## **2.2. Método**

A metodologia adotada para dar continuidade ao estudo trata-se de uma revisão crítica de literatura, na qual, baseia-se em incluir uma análise crítica da pesquisa levantada, se tratando não somente de uma descrição dos artigos identificados, podendo apresentar e sintetizar o material de diversas fontes. O produto dessa revisão também pode ser identificado como uma hipótese ou um modelo e não uma resposta, sendo uma nova interpretação dos dados levantados ou uma síntese dos modelos e escolas de pensamento existentes (Grant e Booth, 2009).

Para o desenvolvimento dessa metodologia, foram adotados critérios de inclusão e exclusão, sendo os critérios de inclusão: artigos em português publicados no período de 2010 a 2020 e que trazem em suas discussões entrevistas com essa população, tendo como grupo de amostra apenas mulheres cis e transgêneros, tratando-se de estudos com mais de uma pessoa. Tais critérios foram estabelecidos dessa maneira, visando como foco as experiências da vida vivida.

Foram adotados como critérios de exclusão as pesquisas teóricas, pesquisas que não realizaram entrevistas e pesquisas com uma perspectiva essencialmente biológica, que abordavam em sua grande maioria, as patologias centradas nas

discussões de tais vivências. Nesse sentido, Leal, Sousa e Rios (2017) afirmam que as produções realizadas nos anos de 2012 a 2016 que envolvem essa população: “não abordam diretamente os aspectos biopsicossociais de saúde das mesmas e nem as discussões acerca da qualidade de vida. A associação mais próxima e que predominou nos resultados diz respeito às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST’s)”.

A revisão foi realizada a partir de uma busca feita na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Portal de Periódicos CAPES, ambas as plataformas incluíram as bases Lilacs, Scielo, DOAJ, tendo apenas a base Index Psicologia Periódicos técnico-científicos, exclusiva do Periódico CAPES.

Os termos usados para a busca foram: “profissionais do sexo”, seguidas pelo operador AND “corpo” no título, não sendo encontrados resultados para pesquisa dessa maneira e assim, realizando-a novamente, agora com os termos: “profissionais do sexo” seguidas por AND “trabalho”, onde notou-se a escassez de estudos relacionados a esse tema, a partir disso buscou-se então somente pelos termos: “profissionais do sexo”, “trabalhadoras do sexo” e “prostitutas”, separadamente. Foram encontrados no total 94 artigos.

Diante desses resultados, eliminou-se da busca 77 artigos que estavam relacionados com os critérios de exclusão, 29 desses tratavam-se de pesquisas teóricas e 48 as pesquisas essencialmente biológicas, sobrando apenas 17 estudos que dialogavam com os critérios de inclusão estabelecidos.

Tabela 1 - Artigos incluídos na revisão				
Termo	Banco de dados			
	LILACS	Scielo	DOAJ	Index Psicologia - Periódicos técnico-científicos
profissionais do sexo AND trabalho	2	-	1	-
profissionais do sexo	3	-	1	-
trabalhadoras do sexo	1	1	-	-
prostitutas	4	2	1	1



Desses 17 artigos, 5 deles encontravam-se em dois bancos de dados, restando assim, apenas 12 para serem analisados. A tabela abaixo expõe os artigos selecionados:

Tabela 1 - Artigos selecionados					
Autores	Ano	Título	Objetivo	Método	Participantes
Barreto e Prado	2010	Identidade das Prostitutas em Belo Horizonte: as Representações, as Regras e os Espaços	Caracterizar a prostituição em alguns pontos da cidade de Belo Horizonte e discutir como a inserção nesses espaços e nessa atividade interfere na formação da identidade das prostitutas	Qualitativa <sup>2</sup>	5
Bonandim, Machado e Lopéz	2012	Práticas de saúde entre prostitutas de segmentos populares da cidade de Santa Maria-RS: o cuidado em rede.	Investigar as percepções e práticas de saúde de prostitutas de segmentos populares que exercem sua atividade em bares da cidade de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul.	Etnográfico	8
Bonifácio e Tílio	2016	Mulheres profissionais do sexo e o consumo excessivo de álcool	Investigar o consumo de álcool por profissionais do sexo feminino, indagando sobre os principais fatores ambientais envolvidos, a trajetória de vida e relações sociais das profissionais.	Descritivo e exploratório	6
Brito et al.	2010	Cotidiano de trabalho e acesso aos serviços de saúde de mulheres profissionais do sexo	Compreender o cotidiano de trabalho e o acesso aos serviços de saúde de mulheres profissionais do sexo.	Etnográfico	8
Burbulhan, Guimarães e Bruns	2012	DINHEIRO, AFETO, SEXUALIDADE: A RELAÇÃO DE PROSTITUTAS COM SEUS CLIENTES	Investigar quais os aspectos que interferem na relação diádica da profissional do sexo com seu cliente.	Qualitativa	7

<sup>2</sup> A metodologia não foi especificada pelos autores, sendo assim classificada pela compressão da pesquisadora no momento da revisão.

Diniz e Mayorga	2018	NOTAS SOBRE AUTONOMIA E DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL DE MULHERES PROSTITUTAS	Identificar e analisar experiências de enfrentamento e resistência à opressão (agenciamentos) na experiência de mulheres que exercem prostituição na região da Rua Guaicurus, em Belo Horizonte, MG.	Etnográfico	8
Giongo, Menegotto e Petters	2012	Travestis e Transexuais Profissionais do Sexo: Implicações da Psicologia	Analisar e discutir as demandas de travestis e transexuais profissionais do sexo com relação à saúde mental.	Qualitativa	12
França	2017	A vida pessoal de trabalhadoras do sexo: dilemas de mulheres de classes populares	Como as prostitutas vivem diferentes relações e intercâmbios com os homens.	Qualitativa <sup>3</sup>	12
Paiva et al. (2013)	2013	A vivência das profissionais do sexo	Conhecer como se dá a prática sexual dessas mulheres e, mais especificamente, analisar a vulnerabilidade das profissionais e avaliar suas necessidades em saúde.	Exploratória	10
Sales	2013	Amor à venda? Ritualizações do programa entre as prostitutas do restaurante Granada	Apresentar as ritualizações do “programa” performadas pelas “meninas” do restaurante Granada, localizado no centro da cidade de Fortaleza, Ceará.	Qualitativa <sup>4</sup>	6
Silva e Capelle	2015	SENTIDOS DO TRABALHO APREENDIDOS POR MEIO DE FATOS	Apreender os sentidos subjetivos do trabalho realizado por mulheres prostitutas em cidades do interior de Minas Gerais.	Qualitativa	6

<sup>3</sup> A metodologia não foi especificada pela autora, sendo assim classificada pela compressão da pesquisadora no momento da revisão.

<sup>4</sup> A metodologia não foi especificada pela autora, sendo assim classificada pela compressão da pesquisadora no momento da revisão.

		MARCANTES NA TRAJETÓRIA DE MULHERES PROSTITUTAS			
Silva, Costa e Nascimento	2010	O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade	Apresentar as diferenças e as singularidades das situações de trabalho das profissionais do sexo na feira central e nos bares da cidade de Campina Grande-PB	Qualitativa	23

Esses estudos serão apresentados e analisados. Todos eles diferem-se por seus objetivos e análises. Além disso, foram realizados em diferentes espaços, cidades e contextos e o mais importante, tratam de pessoas com trajetórias de vida distintas entre si. Os mesmos foram divididos por eixos de análise, considerados como importantes para a compreensão dos aspectos existentes na relação trabalho e corpo das profissionais do sexo.

Esses eixos emergiram da leitura do material, todos aparecem de algum modo presentes no restante dos estudos analisados, contudo, optou-se por apresentar o que mais ficava expresso em seus conteúdos, propondo assim os eixos: I. aspectos socioeconômicos, II. sentidos, motivações e desmotivações do trabalho, III. ritualizações, IV. aspectos psicossociais do trabalho, V. estratégias e mecanismos de defesa., VI. cuidados e barreiras para o cuidado em saúde.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### I. Aspectos socioeconômicos e territoriais do trabalho

Silva, Costa e Nascimento (2010) entrevistaram vinte e três profissionais do sexo na cidade de Campina Grande em Paraíba e discorrem como esse trabalho se organiza no território central da cidade, apresentando aspectos comuns e diferentes das situações de trabalho realizadas por essas profissionais em locais distintos, sendo os pontos principais da feira central e dois bares de outras regiões, a atividade é exercida de maneira precária em todos esses espaços de trabalho, locais onde a pesquisa foi realizada.

Além disso, os autores revelam que “o valor do programa, quase sempre, não passa de dez reais, chegando a ser negociado por um prato de comida, uma dose de bebida, três, quatro ou cinco reais” (p.113), tal informação expõe a dimensão da desigualdade social presente em seus cotidianos, que são marcados pela busca de clientes e uso de bebidas alcoólicas para estimular a libido e suportar a atividade.

As entrevistadas relataram trabalhar um período de cerca de 8 a 11 horas por dia e que o horário de trabalho não interferia em suas vidas, exceto quando precisam resolver questões pessoais ou familiares. Fora isso, foi visto que os quartos em que trabalham não apresentam condições de higiene adequada e que estão sujeitas a sofrerem violências por parte dos clientes, como as próprias narraram e ao risco de contrair doenças, todos esses aspectos foram analisados como “condições de trabalho das profissionais do sexo”.

Barreto e Prado (2010) escutaram cinco trabalhadoras do sexo para entender como se dava a inserção dessas em diferentes espaços, como as boates, a praça da rodoviária, avenida Afonso Pena e hotéis da cidade de Belo Horizonte. Foi visto os preços variam a depender do local, bem como as questões de segurança, estratégias diante de agressões e sentimentos de preferência quanto à esses locais.

Nas boates, o preço pago pelo programa custa cerca de 90 reais meia hora e 120 reais a hora, sendo 20 reais destinado ao aluguel do quarto, quando fora das boates, o valor do programa é 22 reais. Na praça rodoviária, as atividades costumam ocorrer durante o dia devido a grande movimentação de pessoas e segurança, onde as mulheres relataram que gostam dessa região por não serem reconhecidas como prostitutas e que além disso, se sentem mais livre em relação a esse ponto por não pagarem por ele e por não terem horário fixos.

Já na Avenida Afonso Pena, algumas pagam pelo ponto ou pagam a um cafetão para terem segurança, costumam iniciar as atividades no período da noite e encerram pela madrugada, os clientes abordam-nas dentro de seus carros e elas fazem cerca de 10 programas por dia, variando de 20 a 50 reais. Nesse local costumam sofrer agressões físicas e verbais constantes, relatando que as pessoas que passam jogam ovos, água e garrafas para agredi-las e que com isso, precisam ficar atentas e não muito próximas dos carros, mas contam que a principal vantagem desse lugar é a não obrigatoriedade de terem que ir para trabalhar todos os dias.

Nos hotéis, as profissionais pagam pela diária de 6 ou 8 horas, além de pagarem pelos lençóis, preservativos, papel higiênico, esses não incluídos na diária. O valor do programa é de 7 a 15 reais e dura cerca de 15 minutos, precisando realizar um número mínimo de relações, pois precisam pagar pela diária do hotel que varia de 25 a 35 reais, a depender do estabelecimento, assim, elas afirmaram que realizam aproximadamente 13 programas por dia.

Outros artigos também apresentaram tais aspectos, como o estudo Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012), em que entrevistaram profissionais do sexo que trabalhavam nas ruas, em bares e boates no interior do Paraná, cobrando de 30 à 50 reais por programa. Brito et al. (2010), entrevistaram oito prostitutas no interior do Ceará, a fim de compreender o cotidiano de trabalho dessas, que afirmaram não possuir uma renda fixa, pois seus salários dependiam dos clientes atendidos, mas que recebiam aproximadamente 788 reais por mês. As prostitutas entrevistadas por Silva e Capelle (2015), em boates no interior de Minas Gerais, obtinham uma renda mensal de 1.200,00 a R\$ 4.500,00.

## **II. Sentidos, motivações e desmotivações do trabalho**

Quatro das oito entrevistadas por Diniz e Mayorga (2018), contaram que se inseriram nesse trabalho em razão das situações de violência e opressão de gênero que vivenciaram. Esses autores contam que a narrativa de vida dessas profissionais estavam marcadas por uma forte afirmação quanto a escolha da profissão, pois essas preferiam trabalhar em tal ramo ao ter que submeter a determinadas condições, como os empregos que envolviam tarefas domésticas ou terem que depender financeiramente de outras pessoas, pais ou os ex-maridos.

Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012) realizaram um estudo com sete profissionais do sexo, a fim de compreender o que atravessaria a relação que se estabelece entre a profissional e o cliente, além da troca envolvendo o dinheiro. Todas as entrevistadas relataram que não há nenhum outro aspecto envolvido nessa relação que não seja a obtenção do dinheiro e afirmam que há clientes a procuram não só para práticas sexuais, mas também para conversar e desabafar. Para mais, contam que só estão nessa área em razão das necessidades e que todas se sentem insatisfeitas com a atividade.

As análises de seus discursos foram divididas em duas categorias, “o que o dinheiro paga” e “não há dinheiro que pague”. A primeira refere-se a aspectos como por exemplo, a entrada e permanência na prostituição, sendo a necessidade e o dinheiro os motivos principais; o julgamento que elas fazem da relação com os clientes, tratando-se de uma relação caracterizada pelas atitudes do cliente, onde dinheiro também aparece como justificativa para estabelecerem tais relações. Já a segunda aborda os limites que elas impõem para sua atuação e a violência que podem vir a sofrer, o que os autores chamaram de “recursos defensivos”, sendo as condições que determinam para a execução do programa, como o uso de preservativo masculino e a não realização de sexo anal.

### **III. Ritualizações**

Sales (2013) baseou seu artigo a partir de um capítulo de sua monografia, onde se debruçou sobre as ritualizações que envolvem o trabalho das profissionais do sexo, essas ritualizações seriam performances de interação que ultrapassaram as diferenças individuais. O estudo ocorreu no centro da cidade de Ceará em Fortaleza, não especificando quantas mulheres participaram de seu estudo, mas trazendo ao decorrer de sua pesquisa seis relatos distintos. A metodologia etnográfica de seu estudo permitiu que a autora pudesse observar esses ritos dentro de um restaurante da cidade que também funcionaria como um motel.

A ritualização tinha seu início a partir do momento em que cliente e profissionais estão trocando olhares para estabelecerem o contato, após essa primeira aproximação, as mulheres contam que é preciso estar atenta para não perder tempo e perguntar de forma direta se o cliente “vai querer namorar ou não”. Fora o contato no restaurante, havia ainda os clientes que as procuravam de carro, por telefone e os que as seguiam andando pelas ruas, onde a profissional socializada perceberia de forma sutil, seguindo para o motel, as vezes entrando e subindo para o quarto sem trocar uma palavra sequer.

O segundo rito refere-se ao momento em que o programa já foi acordado, mas ainda não seguiram para os quartos e passariam então, esse intervalo de tempo conversando com o cliente, esperando consumirem suas bebidas. Enquanto o terceiro rito, tratava-se do sexo em si, que teria 15 minutos de durabilidade,

contando com o banho antes e depois da atividade, no qual pediam para que os homens lavassem o pênis corretamente, seguindo para mais um rito, o uso e a colocação da camisinha, onde as entrevistadas afirmaram que o contato físico entre profissional e cliente deveria ser reduzido o máximo possível, de forma que criassem estratégias para essa colocação quando os homens não estivessem com o pênis ereto.

A partir disso, a maioria das profissionais contaram que possuem limites relacionados aos contatos físicos e o que diferenciaria o sexo não pago em suas outras relações, seria o carinho e afetividade e que dentro do trabalho evitam gozar, pois esse seria um ato presente em suas relações afetivas.

#### **IV. Aspectos psicossociais do trabalho**

Giongo, Menegotto e Petters (2012) se debruçaram sobre as demandas de saúde mental de 10 travestis e 2 transexuais profissionais do sexo na cidade de Porto Alegre em Rio Grande do Sul por meio de quatro encontros em uma Organização Não Governamental (ONG) intitulada Igualdade, essa que desenvolve trabalhos envolvendo assistência jurídica e social para tal população. Nesses encontros, as participantes relataram relações com seus familiares, a percepção e a construção de um novo corpo e as relações com os clientes, de modo que o sentimento de abandono e solidão decorrente de suas relações sociais foram temáticas emergentes para a discussão do estudo.

Foi visto que suas relações interpessoais nesse grupo podem ser passageiras ou com pouco potencial de fonte de apoio social e afetivo em virtude da competição presente no trabalho, sendo comum ofenderem umas às outras durante tais encontros. Quanto à família, as entrevistadas relataram que preferem se manterem afastadas para viverem suas identidades de gênero. As relações amorosas que possuem também foram consideradas como passageiras ou vinculadas apenas a beleza.

As profissionais contam que a prostituição seria uma profissão momentânea, mas que não tinham perspectiva para o futuro. Em uma atividade proposta durante os encontros, tiveram que escolher uma figura que as representasse, sendo possível perceber a partir disso como a discriminação social as afetava, contando também do

preconceito que sofrem nos serviços de saúde pública, quando não as chamam pelo seu nome social.

O estudo de Brito et al. (2010) abordou a inserção na prostituição, relações familiares, sofrimento e adoecimento causado pela atividade e o acesso aos serviços de saúde, sendo visto que as profissionais viviam em condições precárias que as colocariam em risco, expondo-as a maiores situações de vulnerabilidades. A inserção das entrevistadas na profissão é decorrente das condições socioeconômicas que possuíam, mediação de pessoas próximas e casos de violência, sendo que o que as mais lhes preocupavam era a aceitação da família em relação ao trabalho, mesmo com seus familiares residindo em outras cidades, pois as mesmas moravam no local onde exerciam suas atividades, um hotel da cidade. As cinco entrevistadas que possuíam filhos, contaram que o maior sofrimento para elas era saber que seus filhos cresceriam sabendo da sua profissão.

França (2017) traz em seu estudo a reflexão sobre os valores tradicionais para as classes populares, onde o casamento é considerado um valor tradicional, ocorrendo cedo em contextos de baixa renda, a partir disso, a autora busca se aproximar dessa esfera de vida das profissionais do sexo em Belo Horizonte, Minas Gerais, sem deixar claro quantas mulheres foram entrevistadas, pois as participantes da pesquisa foram contatadas a partir de reencontros após a realização de seu doutorado. O estudo apresenta ao todo doze narrativas distintas.

As experiências afetivas que tiveram dentro de seus casamentos e os rompimentos ocasionados por esse, são os motivos que as fizeram entrar para profissão, pois aquelas que dependiam financeiramente de seus maridos, precisam encontrar outro meio de subsistência para garantir o sustento dos filhos e a dificuldade em ingressar no mercado de trabalho formal em razão da baixa escolaridade e falta de qualificação profissional propiciam isso.

Fora isso, as trabalhadoras relatam que na região boêmia da cidade, local onde atuam, é comum a relação com os clientes se estenderem para fora do ambiente de trabalho, sendo "lá fora", um outro mundo para as profissionais. Elas também contaram suas percepções sobre ambiente doméstico, onde sofriam com as opressões de gênero e o que mudou com a experiência no trabalho, pois dentro da prática exercida teriam descoberto seus corpos sexualmente.



As profissionais revelaram além disso, as percepções negativas que têm sobre a figura do homem, mas que ainda têm expectativas de encontrar a pessoa “certa”, contudo de acordo seus discursos o trabalho que realizam se mostra contrário ao casamento, pois um “homem de verdade” não se casaria com uma prostituta. Contudo, alguma das entrevistas eram casadas e contavam como se dava a relação com o marido, onde há a presença de ciúmes e acordos envolvidos.

Ao final da pesquisa, apresentou-se os projetos de vida dessas mulheres, pensados para fora da profissão e não visando somente o casamento, como por exemplo, economizar dinheiro para abrir o próprio negócio. Entretanto, a autora chama a atenção para a maneira como os marcadores sociais da diferença podem influenciar a obtenção de tais lucros, pois duas das profissionais eram brancas e de origem social mais elevada que as outras e teriam conseguido maiores lucros para a realização de seus projetos.

Silva e Capelle (2015) buscaram apreender os sentidos subjetivos do trabalho para seis profissionais do sexo que exerciam suas atividades em boates no interior de Minas Gerais, obtendo uma renda mensal de 1.200,00 a R\$ 4.500,00. Foi pedido a elas que contassem uma história marcante que vivenciaram no trabalho, onde as entrevistadas relataram diferentes episódios, relacionadas a tentativas de assassinatos com as próprias e também o caso de uma colega que foi assassinada; aborto; a experiência do primeiro programa; a solidão provocada pela profissão e o caso de relacionamentos afetivos originados no ambiente de trabalho.

Além da violência, essas situações contadas pelas profissionais continham em si presença de sentimentos como abandono, desconfiança, preconceito, discriminação, humilhação, medo, insegurança e solidão, mostrando que os sentidos estariam relacionados com tais aspectos e com a falta de segurança ocasionada pela ocupação.

## **V. Mecanismos e estratégias de defesa**

Diniz e Mayorga (2018) realizaram seu estudo com oito profissionais do sexo da cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais, problematizando inicialmente os estudos acerca da prostituição que não levaram em conta a experiência das

peessoas, colocando-as em lugares de vítima ou objeto de estudo para subsidiar teorias. Seu objetivo era compreender quais as formas enfrentamento e resistência à opressão no cotidiano das profissionais e como a autonomia poderia surgir em suas trajetórias a partir disso.

Importante considerar que um dos autores trouxe para o estudo as contradições que viveu diante do seu próprio corpo ao realizar a pesquisa, sendo um homem branco, cis gênero, de classe média e pesquisador, levando em consideração que os encontros onde as profissionais estão inseridas são marcado por dinâmicas de subordinações e por fim, apresenta quem são essas pessoas fora do ambiente de trabalho, contando brevemente sobre as suas histórias de vida.

Tílio e Bonifácio (2016) buscaram investigar o consumo de álcool de seis profissionais do sexo que trabalhavam em casas de prostituição na região do Triângulo Mineiro em Minas Gerais e o que atravessaria tal consumo, pois esse seria um mecanismo de enfrentamento para realizarem seu trabalho e também uma maneira de ganhar mais dinheiro com o percentual da bebida consumida pelos clientes.

As profissionais relataram dificuldade para se adaptar com a profissão no início do exercício e com a nova rotina da casa e que fora isso, também se sentiam preconceito com elas mesmas. Foi visto que o consumo alcoólico das profissionais aumentou com a entrada na profissão em função da comissão e as entrevistadas afirmaram ter conhecimento dos prejuízos à saúde quanto ao uso de álcool em excesso.

O estudo apontou que esse consumo em excesso poderia corresponder a uma alienação dos próprios sentimentos e consciência e também como uma maneira de dissociar suas identidades dentro e fora do trabalho, trazendo para discussão o *público x privado* em suas vidas, se referindo às duas identidades que as profissionais teriam dentro e fora do trabalho, fazendo uso de outros nomes, sendo esse um outro mecanismo para lidarem com a profissão e revelando que as ações realizadas durante o trabalho estariam vinculadas apenas ao ambiente e não interferiram em suas vidas.

Além disso, também foi observado por Bonandiman, Machado e López (2012) as vulnerabilidades relacionadas ao trabalho, como o uso frequente de álcool e

cigarro, e algumas entrevistadas contaram as estratégias usadas nesses casos, como por exemplo, fazer o uso de bebidas mais fracas ou jogar fora a bebida sem que alguém perceba; e as condições de ambiente dos locais em que trabalham, levando-as a lançarem mão de estratégias como estender uma toalha própria em cima da cama para não deitarem-se sobre os lençóis sujos.

## **VI. Cuidados e barreiras para o cuidado em saúde**

Paiva et al. (2013) realizaram um estudo com dez profissionais do sexo da cidade de Pau dos Ferro no Rio Grande do Norte, a fim de conhecer a prática sexual dessas, buscando compreender os motivos que as levaram ingressar na área, as dificuldades presente, bem como a possibilidade de mudar de profissão, as atividades feitas com os clientes, se tinham ou não Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e com que frequência utilizavam-se dos serviços de saúde.

As entrevistadas relataram que o motivo principal para terem entrado na área foi dinheiro diante das necessidades e as rupturas em suas relações, sendo o preconceito que sofrem uma das maiores dificuldades, quando lhes perguntaram sobre a possibilidade de mudar de profissão, sete delas afirmaram que sim. Quanto às atividades exercidas discorrem sobre os limites que estabelecem, como a não realização de sexo anal ou beijo na boca. Entre todas as entrevistadas, apenas uma afirmou ter tido ocorrência de DST's e as idas aos serviços de saúde não é algo recorrente entre todas, somente quando precisam realizar um exame médico.

Bonandiman, Machado e Lopéz (2012) entrevistaram oito prostitutas da cidade de Santa Maria no estado do Rio Grande do Sul, tendo como objetivo investigar suas percepções e práticas de saúde, visando também problematizar o acesso à saúde das mesmas no contexto da prostituição. As autoras constataram que as práticas referenciadas pelas trabalhadoras do sexo podiam ser consideradas estratégias de promoção de saúde e bem-estar, como uma rede de cuidados que expressavam as relações entre as mesmas. Essas estratégias estavam relacionadas com o cuidado do corpo e aparência, além disso, notou-se através de suas falas que existiriam dois tipos de cuidados, os que “vem de casa”, aprendidos no contexto familiar e os cuidados originados “na vida”, com a experiência do trabalho.

Dentre aqueles que “vem de casa”, haveria a prática de se lavar após as relações sexuais, passada de mãe para filha e hábito de depilar-se constantemente. Quanto aos cuidados aprendidos “na vida”, compartilhados entre as prostitutas, observou-se a troca de dicas como o uso de gel lubrificante para a realização das atividades sexuais e até mesmo proteção de cabelo contra o cheiro de cigarro. Contudo, também foi visto que as relações entre as mesmas podem ser conflituosas em decorrência da disputa por clientes.

Haveria também os relatos sobre cuidados ensinados pelos profissionais de saúde, tais quais orientações que receberam sobre como diminuir o desconforto causado pelo sexo anal e estratégias para a realização de sexo oral em homens de maneira segura. Os motivos mais citados na busca pelos serviços de saúde referem-se a ocorrência de gravidez, a realização do exame preventivo do colo uterino e busca por preservativos, entretanto, as participantes discorreram também sobre as dificuldades presentes no acesso às condições de saúde, como o estigma por parte das profissionais de saúde, pois os atendimentos acabam sendo preconceituosos, punindo-as pelas atividades que exercem.

Todas as oito entrevistas por Brito et al. (2010) afirmaram que não apresentavam histórico de IST's e se cuidavam, mas que resistiriam à procura pelos serviços de saúde de forma preventiva e que além disso, os horários de atendimentos dos serviços públicos e a espera pelo atendimento dificultavam tal acesso

### **3.1 Considerações sobre corpo-trabalho**

A leitura e a análise de todo esse material possibilitou o entendimento sobre o que compõe o trabalho das profissionais do sexo e de que modo seus corpos são tratados. É importante considerar o caso dos estudos que relataram a dificuldade de acesso para alcançarem as contribuintes de suas pesquisas, pois considera-se que tal fato está relacionado com o estigma que sofrem.

Além disso, pode-se dizer que a maioria desses estudos, apresentaram pontos em comuns, por exemplo, as indagações sobre o motivo principal que levaram as profissionais entrarem para prostituição, emergindo uma resposta

comum para isso que se explica pelas dificuldades financeiras, o vínculo familiar e as opressões de gênero, a baixa escolaridade entre elas e o ingresso na atividade ainda enquanto menores de idade.

Tais pontos têm no seio de sua origem a estrutura de organização social presente no sistema capitalista, essa que provoca uma série de desigualdades socioeconômicas e que faz então com que os sujeitos busquem por alternativas como o ingresso no mercado de trabalho informal, onde se sujeitam a condições diversas, capazes de explorar, violentar e destituir-se de seus próprios corpos. Em relação ao ingresso na prostituição, França (2017) explica:

sem entrar na atração pela prostituição ou em suas condições de trabalho, do ponto de vista econômico, a decisão de iniciar essa atividade pode acontecer diante de graves dificuldades econômicas, mas, mais comumente, como uma forma de melhorar sua situação de vida e/ou a de seus filhos. (p.144)

Esse sistema também é capaz de privar os indivíduos de direitos básicos, como o acesso à educação, pois uma vez que a existência da classe trabalhadora volta-se para a garantia de sua sobrevivência, muitos desses trabalhadores não conseguem participar de outras ocupações tão fundamentais quanto o trabalho e isso, não pode ser considerado como uma escolha individual, visto que para o capitalismo o trabalho é ocupação central de maior importância para seu funcionamento. Além do que, esse mesmo sistema opera aprisionando os desejos e as subjetividades das pessoas. Assim, os direitos de crianças e adolescentes são negados e violados quando ingressam na prostituição em decorrência das suas necessidades sociais.

Diante disso, viu-se que o trabalho das profissionais do sexo em sua grande maioria é realizado em espaços segregados das cidades, podendo ser realizado tanto nas ruas, como em bares, boates, hotéis e casas de prostituição. Com isso, entende-se que toda ocupação está inserida em um determinado território e pode-se dizer que esse território é um constituinte importante para pensar na maneira em que tais ocupações são realizadas, sendo também um elemento que compõe a construção das identidades dos sujeitos.

Nesse sentido, Barreto e Prado (2010) buscaram compreender como se dá o trabalho das profissionais do sexo em diferentes espaços do território, caracterizando o contexto sócio-histórico das regiões envolvidas em sua pesquisa e assim, observou-se que realização das atividades que exercem variam a depender do local em termos de condições dos ambientes, bem como a expressão das formas de violências e preconceitos. Esses autores afirmam que dentro dos territórios

é comum encontrar as chamadas “zonas de prostituição”, que são áreas específicas onde ocorre esta atividade e onde ela é aceita de algum modo, ou locais (como ruas e praças) que são famosos por ser de prostituição. Em todas as cidades que tivemos contato era possível observar a existência destas áreas, o que é uma forma tanto de segregar as prostitutas quanto de garantir que a “pouca vergonha” fique escondida, evitando sua proximidade com as “pessoas de bem”. Cada cidade tem uma forma própria de lidar com essas questões, sendo que a invisibilidade pode ser conseguida pelas construções fechadas, como é o caso de hotéis e bordéis, pelos estilos de roupas, pelos horários de prostituição, atingindo também as próprias mulheres e seus clientes. Contudo, a invisibilidade não pode ser completa, pois é preciso que saibamos separar as “putas” das “pessoas de bem”, delimitando o que podem ser, onde podem ir, o que podem fazer, marcando claramente os limites e possibilidades de circulação dentro da cidade e também de cada identidade. [...] Esta segregação gera um sentimento de estar distante da sociedade, vista com base em um ideal de família, sendo que as pessoas “de bem” devem ser protegidas da prostituição. (Barreto e Prado, 2010, p.199)

Mas antes de olhar para o território, é fundamental que se olhe para os sujeitos de maneira integral e compreenda-se que toda pessoa tem uma história de vida única, e não desconsiderando o que ela traz em suas narrativas. Somente após essa interpretação integral da vida dessas pessoas, é que se pode observar quais são as características desse grupo populacional que está situado em determinado território e quais os marcadores sociais das diferenças estão presentes em seus corpos, sendo esses marcadores, “sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais.” (Zamboni, 2014, p. 14).

Dentre todos os estudos analisados, foi observado que essa população é composta majoritariamente por mulheres cisgênero, contendo apenas o estudo de Giongo, Menegotto e Petters (2012) que chamaram atenção para a população das travestis e transexuais e suas demandas de saúde mental, de acordo com os

autores essas pessoas estariam mais expostas a violências e preconceitos por conta da sua identidade de gênero.

Fora isso, como já mencionado, a maioria das perguntas que foram realizadas nas entrevistas com essas trabalhadoras abordaram o motivo principal que as levaram a ingressar na profissão, sendo as necessidades sociais e as relações que tiveram ao longo da infância e adolescência o principal motivo, como discutido nos estudos de Tilio e Bonifácio (2016), Brito et al. (2010), França (2017), Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012), Diniz e Mayorga (2018), Paiva et al. (2013). Contudo, indagações a respeito da subjetividade dos sujeitos pouco foram feitas, reduzindo-lhes as causas e consequências do trabalho, como riscos e a violência que sofrem. Tais violências surgiram ao decorrer de todos os artigos analisados, tratando-se de violências físicas, verbais e simbólicas, bem como o preconceito com a profissão por parte da sociedade e até mesmo das próprias profissionais.

Esse trabalho têm em si *ritualizações*, denominadas assim por Sales (2013) e também presentes nas pesquisas de Silva, Costa e Nascimento (2010), Barreto e Prado (2010), que pode se constituir como um elemento importante para pensar no que compõe o fazer das profissionais do sexo, as ações que desenvolvem ao longo do período de trabalho, que ocorrem antes mesmo de estabelecerem contatos com os clientes e durante o momento da realização do sexo pago, mostrando que a atividade teria em si maneiras e estratégias para serem desempenhadas.

Foi visto que há também um agente para pensar nessa ocupação, o público que atendem, pois é a partir do contato com o público que as atividades são realizadas, tal público é composto por homens, segundo todos os artigos analisados, a relação com o cliente retratada por Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012), mostrou que trata-se apenas de uma relação profissional, sendo a obtenção do dinheiro o que interessa para as profissionais do sexo.

Em resposta ao cotidiano de trabalho vivenciados, as trabalhadoras do sexo criaram mecanismos de defesa e enfrentamento às situações de trabalho, podendo ser o uso excessivo de álcool como observado por Tilio e Bonifácio (2016) e outros meios, como os agenciamentos de resistência à opressão percorridos por Mayorga (2018). Tais mecanismos foram criados de maneira individual a partir de suas experiências, pois Brito et. al (2010) mostra que os atendimentos ofertados nos

serviços de saúde, estão voltados para realização de exames, distribuição de camisinhas e anticoncepcionais. Diante disso, esses autores discorrem

ressalta-se a dificuldade dessas profissionais em se perceberem como mulheres que necessitam de atenção integral, e não somente concentrada nas questões reprodutivas e sexuais. Nessa população, as práticas em saúde então centradas na realização de consultas médicas (tão logo apresentem sinais ou sintomas de patologias), exames de rotina, uso do preservativo e medidas de prevenção de IST. Logo, o cuidado com a saúde se faz indispensável. Uma pesquisa sobre o autocuidado realizada com profissionais do sexo mostrou que, além do fato de somente buscar atendimento em casos de emergência, elas não citaram lazer, esporte, cultura, ambiente e segurança como meios de cuidar da saúde. Assim, as mulheres profissionais do sexo ainda são incluídas em ações de saúde limitadas às medidas de prevenção das IST e contracepção, sendo tal posição determinante na reafirmação da marginalização social desse grupo. Neste escopo, há carência de ações de promoção da saúde voltadas para esse grupo populacional vulnerável, pois o cuidado em saúde centrava-se, fundamentalmente, na prevenção de agravos. (p.6)

Ademais, nenhum dos artigos analisados abordou as compreensões que as profissionais possuem a respeito do seu próprio corpo, com exceção do artigo de Bonadiman, Machado e López (2012), que trataram das práticas de cuidado que as profissionais realizam com o próprio o corpo, mas sem abordá-lo em uma dimensão subjetiva, referindo-se apenas ao corpo físico. Nos demais estudos, o corpo analisado foi tratado apenas dentro de enquadramentos teóricos, não sendo isso entre todos, pois também houve o caso de estudos que não falaram do corpo em momento algum, como o estudo de Barreto e Prado (2010), Paiva et al. (2013).

Em apenas dois desses estudos, duas entrevistadas falaram sobre seus corpos de maneira espontânea, onde foi exposto por uma delas a experiência de seu primeiro programa, em que sentiu ter saído do próprio corpo nesse momento, como um dissociação (Silva e Capelle, 2015); quando lhes foi perguntado se pretendiam mudar de profissão, todas entrevistada afirmaram que sim, pois de acordo com a fala de uma das profissionais, vender o corpo não seria uma profissão para ninguém (Paiva et al., 2013).

Contudo, o corpo apareceu de um outro modo a partir dos limites simbólicos apresentados por França (2017), Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012), Paiva et al. (2013) e Sales (2013), tais limites também podem ser considerados como estratégias criadas pelas profissionais, mostrando de que maneira as profissionais



dissociam seus corpos dessa ocupação quando estão fora do trabalho, as contribuintes desses estudos contaram que não realizam toda e qualquer atividade sexual, impondo limites dentro das atividades com seus corpos, como por exemplo, não beijar na boca, não fazer sexo anal e evitar ter orgasmos durante o exercício, coisas das quais só fazem quando estão em uma relação afetiva.

Além disso, também não usam seus verdadeiros nomes, como visto por Silva e Capelle (2015) e Tilio e Bonifacio (2016) e as práticas de cuidado e estratégias que realizam relacionadas ao banho após o ato sexual, discutidas por Bonadiman, Machado e López (2012) também foram compreendidas como um delineamento de limites simbólicos. Todos esses limites mostraram então, como separaram seus corpos e suas identidades dentro e fora do trabalho.

Fora isso, as pesquisas que abordaram o corpo, apresentaram-no para falar das questões de gênero relacionadas à sexualidade feminina, em relação ao desconhecimento de seus corpos no início da atividade, considerados por França (2017) e apresentando também, tais questões vinculadas a papel social que foi imposto às mulheres ao longo do curso da história, como tratado por Silva e Capelle (2015); de um corpo entendido como um objeto de mercadoria, onde o não reconhecimento da profissão e a discriminação social podem representar perigos ao corpo (Silva, Costa e Nascimento, 2010), estando esse corpo lido como um objeto inserido em uma troca social criada em função do sistema capitalista (Tilio e Bonifácio, 2016).

Apesar da importância de tais compreensões, essas não tratam da subjetividade dos corpos, porém o compreendem não somente como um corpo físico, reconhecem que esse tem em si marcas e influências diretas de uma estrutura de domínio social. Dentre todas concepções discutidas, as que mais dialogam com as que foram apresentadas no presente estudo, referem-se ao corpo que possui significados sociais, discutidas por Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012, p.675) como o “corpo este que ultrapassa a função meramente sexual para elaborar significados sociais de ser-estar no mundo público e privado”.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As pesquisas analisadas trouxeram diferentes entendimentos teóricos a respeito da prostituição, buscando compreender como a mesma se estabelece em diferentes espaços do território, quais as vivências esse trabalho pode ocasionar, bem como ritualizações e estratégias desenvolvidas para enfrentar tal cotidiano de trabalho, marcado pela presença de diferentes agentes, como o público que atendem e parte da sociedade que discrimina e condena a profissão que exercem, sendo esse um cotidiano no qual a violência e o preconceito se fazem presentes a maior parte do tempo.

Ressalta-se que o presente estudo não teve como objetivo tratar do reconhecimento ou legitimação da prática exercida pelas profissionais do sexo, como já mencionado, e sim considerar que essa ocupação é resultado das desigualdades sociais gerada pelo sistema capitalista. O importante para esse estudo amparou-se em direcionar o olhar sobre os corpos das pessoas que exercem essa atividade e como o percebiam na relação com o trabalho, ainda que somente através da literatura, mas visando como fundamental o que os sujeitos trazem em suas narrativas sobre o trabalho que realizam e como isso os afetam. As pesquisas analisadas direcionaram seus olhares para as compreensões a respeito do que cerca essa atividade e as pessoas quando inseridas nela, sendo capazes de explicitar e desconstruir as visões que se tem da profissão.

Ainda que o corpo, pouco discutido entre esses estudos não se aproxime das concepções aqui colocadas, é possível refletir sobre o mesmo dentro desses aspectos. Pode-se dizer que o corpo inscrito nessa ocupação carrega em si uma história de vida marcada pelas desigualdades e necessidades sociais ao decorrer de sua trajetória, onde as relações familiares e afetivas que possui e a baixa escolaridade, são capazes de provocar a entrada para a profissão e assim, quando esse corpo insere-se no mercado de trabalho informal, passa a ser um corpo violentado de diferentes maneiras, sujeito à riscos e alvo de preconceitos que não distinguem o fazer do trabalho do corpo que existe fora dele, reduzindo sua existência ao trabalho que exerce.

Fala-se, portanto, de uma multiplicidade de corpos. Corpos, histórica e socialmente constituídos, atravessados por múltiplas forças e inscritos no

cotidiano de suas ações. *Sujeitados* à exploração do trabalho, à velocidade das máquinas e falta à tempo, onde cada segundo é um precioso momento de sobreviver ou de lucrar. *Submetidos* à imensa diferença social existente no Brasil e que, cada vez mais agrava a situação de vida da população. Marcados pelas doenças e deficiências, plenamente evitáveis por meio de políticas públicas, de assistência e de saúde, coerentes com a realidade. *Contidos* pelo distanciamento de seus próprios desejos, do processo de criação e do seu fazer, agora mecanizado e desapropriado de sentidos. (Siegman, 2016, p.88)

A relação corpo e trabalho não foi abordada de modo direto com as entrevistadas, todas as discussões relataram que essa é uma atividade complexa diante dos fatores políticos e sociais que a envolvem, ou seja, a maioria dos autores abordaram durante o desenvolvimento de seus estudos, os motivos que as fizeram ingressar na prostituição. Tais indagações podem mostrar-se como importantes indicadores, entretanto, ao olhar para estas questões, observou-se que a prostituição se trata de uma atividade histórica, discorrida assim pelos diferentes estudos analisados, então, o que ainda move a busca por esses motivos? Compreende-se que além de histórica, essa é uma atividade vista como imoral por grande parte da sociedade e que os corpos que nela estão inseridos sofrem com as mais diversas formas de violências desde então.

Acredita-se que o mais importante quando levanta-se tais motivos, não se trata apenas de reconhecer e afirmar uma estrutura social que tem domínio sobre os corpos, inserindo-os em situações de violência que podem lhe causar sofrimentos, mas de ampliar o debate para essas pessoas sobre os direitos que lhes foram negados no decorrer de suas vidas em razão dessa estrutura e o que compõe a violência que as cercam. A compreensão discutida nestas análises discorre ainda na perspectiva de abrir caminho “a dar vozes” a essas pessoas com o intuito de que ocupem seu espaço na história. De acordo com as ideias de Deleuze (1992 *apud* Almeida, 2014, p. 18), “a clínica da terapia ocupacional deve também denunciar os intensos mecanismos através dos quais o corpo e as próprias ações e ocupações participam na constituição de uma sociedade de controle”.

Para além disso, acredita-se que todo e qualquer saber deva ser compartilhado, pois quando reconhece-se que o sujeito sofre com o modo em que seu corpo está inserido em um determinado contexto e com a maneira que é tratado socialmente, entendendo que existem os sentimentos que lhe são próprios e os

sentimentos provocados por um cenário que pode-se mostrar como um atravessamento comum para diferentes pessoas, é necessário então dialogar-se com os mais diferentes grupos sobre o que compõe tais cenários e assim, voltar-se para a construção de práticas em um cuidado em saúde que sejam emancipatórias.

Para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (Freire, 1967, p.39)

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Goretti de; CARMO, Larissa de Andrade; SILVA, Seffra Renata Ramos da. *O trabalho Informal como alternativa no mundo do trabalho atual*. In: IV Seminário Cetros - Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, 4., 2013, Fortaleza. Anais... Fortaleza: IV Seminário Cetros - Neodesenvolvimentismo, trabalho e Questão Social, 2013. p. 413 - 423.

ALMEIDA, Marcos Vinicius Machado de. *Corpo e Arte e Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2014. 164 p.

ANDRADE, Cristiane Batista. *Um estudo com trabalhadoras da educação*. In: *simpósio internacional processo civilizador*, 2007, Campinas. Anais... Campinas: Unicamp Fel, 2007. p. 1-9.

ANTUNES, R. *O Caracol e sua Concha: Ensaio sobre a Nova Morfologia do Trabalho*. São Paulo: Bointempo, 2005.

ARRUDA, Kátia Magalhães. As transformações no mundo do trabalho e suas repercussões no Brasil atual. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 191, n. 48, p.61-70, set. 2011.

Barbosa, M. R., Matos, P. M. & Costa, M. E. "Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje". *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.

Bardi G., Bezerra WC., Monzeli GA., Pan LC., Braga IF., Macedo MDC Pandemia, desigualdade social e necropolítica no Brasil: reflexões a partir da terapia ocupacional social. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. 2020. suplemento, v.4(2): 496-508.

BARRETO, Letícia Cardoso; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Identidade das Prostitutas em Belo Horizonte: as Representações, as Regras e os Espaços. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João Del-rei, v. 5, n. 2, p. 193-205, agosto/dezembro de 2010.

BONADIMAN, Priscila de Oliveira Bolzan; MACHADO, Paula Sandrine; LOPEZ, Laura Cecília. Práticas de saúde entre prostitutas de segmentos populares da cidade de Santa Maria-RS: o cuidado em rede. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 779-801, June 2012 .

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

BORGES, Livia de Oliveira; YAMAMOTO, Oswaldo. Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. orgs. 2. Ed. *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 26-72.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 176 p.: il. (Cadernos de Atenção Básica, n. 34)

BURBULHAN, Fernanda; GUIMARÃES, Roberto Mendes; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Dinheiro, afeto, sexualidade: uma relação de prostitutas com seus clientes. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 17, n. 4, p. 669-677, dezembro 2012.

COSTA, Daysse Beserra et al. O trabalho das profissionais do sexo. In: Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, 9-13., 2009, São José dos Campos. Anais... São José dos Campos: Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, 2009. p. 1 - 6.

DAMÁSIO, António, Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos, São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 250 p.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. *Prod.[on line]*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, dez. 2004 .

DI BONIFACIO, Daniela Pereira; TILIO, Rafael De. Mulheres profissionais do sexo e o consumo excessivo de álcool. *Cad. psicol. soc. trab.*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 29-44, 2016.

DINIZ, André Geraldo Ribeiro; MAYORGA, Claudia. Notas sobre autonomia e desqualificação social de mulheres prostitutas. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 30, e165432, 2018.

FARIA, Renata Franciscan. *Transformações no Mundo do Trabalho: reflexões, políticas e perspectivas para a Saúde do Trabalhador Público Federal*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

FAVRE, Regina. Viver, Pensar e Trabalhar o Corpo como um Processo de Existencialização Continuada. *Revista Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae*, 2004.

FRANCA, Marina. A vida pessoal de trabalhadores do sexo: dilemas de mulheres de classes populares. *Sex., Salud Soc. (Rio J.)*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 134-155, abril de 2017.

FREIRE, Paulo. A Sociedade Brasileira em Transição. In: FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltd., 1967. p. 1-157.

GIONGO, Carmem Regina; MENEGOTTO, Lisiane Machado De Oliveira; PETTERS, Simone. Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 32, n. 4, p. 1000-1013, 2012

GUIMARÃES, Roberto Mendes. Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós graduação em Psicologia – FFCLRP- Universidade de São Paulo-Ribeirão Preto, 2007. 287 p.

GRANT, Maria J.; BOOTH, Andrew. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal*, [s.l.], v. 26, n. 2, p. 91-108, 27 maio 2009.

JUNIOR, Carlos Herold. O corpo no trabalho. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p.275-280, mar. 2015.

JUSTO, Sandro de Mello. Reflexões sobre uma vida sensível no corpo trabalhador no modo de produção capitalista. *Trabalho Necessário*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 8, p. 1-16, nov. 2010.

LANCMAN, S.; JARDIM, T. A. O impacto da organização do trabalho na saúde mental: um estudo em psicodinâmica do trabalho. *Rev. Ter. Ocup.* Univ. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 82-9, maio/ago., 2004.

LIBERMAN, Flávia. O corpo como pulso. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 14, n. 33, p. 449-460, junho de 2010.

LUNA SALES, Ana Paula. Amor à venda?: Acompanhamento de ritualizações entre as prostitutas do restaurante Granada. *Etnográfica*, Lisboa, v. 17, n. 1, p. 147-163, fevereiro 2013.

MOREIRA, Isabel Cristina Cavalcante Carvalho; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. A violência no cotidiano da prostituição: invisibilidades e ambiguidades. *Rev. Latino-am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 20, p. 1-7, out. 2012.

MOURA, Ana Débora Assis; OLIVEIRA, Rodisheily; LIMA, Guldemar; Farias, Leiliane; FEITOZA, Aline. O comportamento de prostitutas em tempos de aids e outras doenças sexualmente transmissíveis: como estão se prevenindo? *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 545-553, set. 2010.

NEVES, Diana Rebello; NASCIMENTO, Rejane Prevot; FELIX JUNIOR, Mauro Sergio; SILVA, Fabiano Arruda da; ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 318-330, jun. 2018.

PAIVA, Laécia Lizianne de et al . A vivência das profissionais do sexo. *Saúde debate*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 467-476, set. 2013.

RANZAN, Mateus; QUADRADO, Alexandre. O que é o Trabalho? um retrato da classe trabalhadora do bairro jardim dos lagos. *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 874-881, dez. 2015.

SAITO, Cinthia Mayumi; CASTRO, Eliane Dias de. Práticas corporais como potência da vida. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 19, ed. 2, p. 177-188, ago. 2011.

BRITO, Nayara Santana; BELÉM, Jameson Moreira; OLIVEIRA, Tayenne Maranhão de; ALBUQUERQUE, Grayce Alencar; QUIRINO, Glauberto da Silva. Cotidiano de

trabalho e acesso aos serviços de saúde de mulheres profissionais do sexo. *Rev Rene [on line]*, Fortaleza, v. 20, n.1, e33841, p.1-9, jan-dez., 2019.

SANTOS, Verônica Gomes dos. *Prostitutas mães e a educação de seus filhos: corpo, cena e discurso no Centro de Fortaleza-Ce*. 2011. 65f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2011.

SCHREINER, L. et al. Prevalência de sintomas depressivos em uma amostra de prostitutas de Porto Alegre. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul*, Porto Alegre, v. 26, n.1, p. 13-20, 2004.

SIEGMANN, Christiane. *Pensar e inverta-se: Terapia Ocupacional como clínica dos afectos*. 2016. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Edil Ferreira da; COSTA, Daysse Beserra; NASCIMENTO, José Ulisses do. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 109-122, 2010.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira. “O Lixo pode ser mais que Lixo”: O Sentido do Trabalho para Catadores de Materiais Recicláveis. In: ENCONTRO DA ANPAD, 35., 2011, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Anpad, 2011. p. 1-17.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; BORGES, Guilherme de Freitas; MAFRA, Flávia Luciana Naves; CAPELLE, Mônica Carvalho Alves. Ser prostituta: o sentido do trabalho moralmente inaceitável. *GESTÃO. Org.*, Recife, v. 2, n. 11, p. 215-246, set. 2013.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; SILVA, Isabel Cristina da; MAFRA, Flávia Luciana Naves. Trabalho, Gênero e Prostituição: Reflexões sobre as Dimensões Obscuras do Trabalho de Mulheres Prostitutas. In: ENCONTRO DE GESTÕES DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 4., 2013, Brasília. Anais... Brasília: Gpr Anpad, 2013. p. 1-16.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; CAPELLE, Mônica Carvalho Alves. Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie [on line]*, São Paulo, v. 16, n. 6, p. 19-47, dez. 2015.



TRABALHO, Ministério do. *Classificação Brasileira de Ocupação*. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

THÉRÈSE, Bertherat. O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si. São Paulo: Martins Fontes, 1977, 223 p.

VINUTO, J. A. Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um Debate em Aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p.203-220, ago/dez. 2014

ZAMBONI, Márcio. Marcadores Sociais da Diferença. *Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades)*, São Paulo, v. 1, p.14 - 18, 2014.